



MIGRAÇÕES

CHARLOTTE MCCONAGHY

AN ALTA
NOVEL

Rio de Janeiro, 2022

PARTE UM

AMOSTRA





Os animais estão morrendo. Em breve estaremos sozinhos.

Certa vez, meu marido encontrou uma colônia de painhos-de-cauda-quadrada na costa rochosa do indômito Atlântico. Na noite em que me levou até eles, eu não sabia que aqueles eram alguns dos últimos de sua espécie. Só sabia que eram impetuosos para defender suas cavernas noturnas e ousados ao mergulhar nas águas iluminadas pela lua. Passamos um tempo com eles e, por algumas poucas horas na escuridão, pudemos fingir que também éramos assim, selvagens e livres.

Certa vez, enquanto os animais desapareciam — de verdade, e não apenas em alertas premonitórios de futuros sombrios, mas naquele instante, naquele exato momento —, em extinções em massa que podiam ser vistas e sentidas, decidi seguir um pássaro cruzando o oceano. Talvez esperasse que ele me levasse ao local para onde todos haviam fugido, todos de sua espécie, todas as criaturas que pensávamos ter matado. Talvez eu pensasse que descobriria que ímpeto cruel fazia com que eu abandonasse pessoas, lugares e todo o resto, sempre. Ou talvez minha esperança fosse que a última migração do pássaro me mostrasse o lugar ao qual pertença.

Certa vez, pássaros fizeram nascer uma versão mais impetuosa de mim mesma.

GROENLÂNDIA TEMPORADA DE NIDIFICAÇÃO

É pura sorte eu estar olhando quando acontece. As asas cortam o arame quase invisível e a armadilha se fecha suavemente sobre ela.

Endireito o corpo.

De início, ela não reage. Mas de alguma forma sabe que não é mais livre. O mundo ao seu redor acaba de mudar um pouco, ou muito.

Eu me aproximo lentamente, tentando não assustá-la. O vento uiva, castigando minhas bochechas e meu nariz. Há outros de sua espécie pousados nas rochas recobertas de gelo e sobrevoando em círculos, mas são rápidos em me evitar. Minhas botas crepitam no gelo e vejo um farfalhar de penas, um gesto hesitante, um aviso de que tentará se libertar. O ninho que ela construiu com seu parceiro é rudimentar, gramíneas dispersas e gravetos envergados em uma fenda nas rochas. Ela não precisa mais dele — seus filhotes já estão mergulhando em busca do próprio alimento —, mas ela retorna para o ninho, como toda mãe, incapaz de se desapegar. Prendo a respiração enquanto abro a armadilha. Ela bate as asas uma única vez, um rompante súbito de desafio antes que minha mão fria envolva seu corpo e impeça as asas de se moverem.

Tenho que ser rápida agora. Mas depois de muito praticar, sou precisa, meus dedos deslizam o anel rapidamente por sua perna, passando pela articulação até a parte superior de baixo de suas penas. Ela solta um som que conheço muito bem, que ecoa em meus sonhos quase todas as noites.

— Sinto muito, tá quase acabando, só mais um pouquinho.

Começo a tremer, mas continuo, agora é tarde demais, você a tocou, maculou, impôs sua presença humana sobre ela. Que ato detestável.

O plástico aperta firme em sua perna, mantendo o rastreador no lugar. O dispositivo pisca uma vez para indicar que está funcionando. E quando estou prestes a soltá-la, ela fica absolutamente imóvel e posso sentir seu coração batendo forte na palma da minha mão.

Fico paralisada, aquele *tap tap tap*. Tão rápido e tão frágil.

Seu bico é vermelho como se ela o tivesse mergulhado em sangue. E cria em minha mente uma impressão de força. Eu a coloco de volta no ninho e me afasto, levando a gaiola comigo. Quero que ela irrompa para a liberdade, quero que haja fúria em suas asas, e eis que ela se lança no ar em toda sua glória. Os pés são rubros como o bico. A cabeça coberta por

uma coroa negra e aveludada. A cauda são duas navalhas e as asas, arcos pontiagudos e elegantes.

Observo-a circundar o céu, tentando entender aquela nova parte dela. O rastreador não a atrapalha — é pequeno como uma unha e muito leve —, mas ela não gosta. De repente, ela mergulha na minha direção, emitindo um grito agudo. Sorrio, emocionada, e me abaixo para proteger meu rosto, mas ela não mergulha de novo. Retorna para seu ninho e se acomoda como se ainda houvesse um ovo para proteger. Para ela, os últimos cinco minutos nem sequer existiram.

Estou sozinha aqui há seis dias. Na noite passada, minha barraca foi arrebatada pelo mar, quando o vento e a chuva arrancaram a proteção sobre meu corpo. Fui bicada na cabeça e nas mãos mais de uma dezena de vezes por pássaros que são conhecidos como os mais ferrenhos guardiões dos céus. Mas tenho três andorinhas-do-mar-árticas, ou apenas andorinhas do Ártico, como são mais conhecidas, anilhadas para provar meu empenho. E veias saturadas de sal.

Paro no alto da colina para olhar mais uma vez, e o vento se acalma por um instante. O gelo se estende deslumbrante pela vastidão, margeado por um oceano branco e preto e um horizonte cinzento. Enormes fragmentos de gelo cerúleo flutuam languidamente, mesmo agora no meio do verão. E dezenas de andorinhas do Ártico preenchem o branco do céu e da terra. As últimas de sua espécie, talvez do mundo. Se eu fosse capaz de permanecer para sempre em um lugar, seria aqui. Mas as aves partem, e eu também partirei.



Meu carro alugado oferece um calor abençoado com o aquecedor no máximo. Ponho as mãos em frente do ventilador e sinto minha pele pinicar. Há uma pasta cheia de papéis sobre o banco do passageiro e vasculho até encontrar um nome. Ennis Malone. Comandante do *Saghani*.

Tentei sete comandantes de sete embarcações e acho que a parte obstinadamente insana em mim desejava que todos recusassem assim que vi o nome do último barco. O *Saghani*: palavra em inuíte para corvo.

Examino os fatos que consegui descobrir. Malone nascera no Alasca havia 49 anos. É casado com Saoirse, com quem tem dois filhos pequenos. Sua embarcação é uma das últimas legalmente certificada para pescar

arenque no Atlântico, e para isso ele conta com uma tripulação de sete pessoas. De acordo com o cronograma da marina, o *Saghani* deve ficar atracado em Tasiilaq pelas próximas duas noites.

Insiro Tasiilaq no meu GPS e parto lentamente pela estrada fria. Levarei o dia todo para chegar à cidade. Deixo o Círculo Ártico em direção ao sul, pensando em uma forma de abordá-lo. Todos os comandantes com quem conversei se recusaram. Não toleram estranhos sem treinamento a bordo. Tampouco gostam de ter suas rotinas perturbadas, suas rotas desviadas — marinheiros são pessoas muito supersticiosas, segundo descobri. São criaturas de hábitos. Especialmente agora, com seu meio de vida ameaçado. Assim como exterminamos continuamente os animais terrestres e aéreos, os pescadores exauriram os mares até quase a extinção.

A ideia de estar a bordo de uma dessas embarcações cruéis ao lado de pessoas que poluem o oceano me deixa enojada, mas não tenho outra opção e meu tempo está se esgotando.

Um campo verdejante se estende à minha direita, salpicado por milhares de flocos brancos que à primeira vista pensei ser algodão, mas é só a velocidade distorcendo a paisagem; na verdade são flores silvestres. À minha esquerda, um revoltoso mar negro. Um mundo à parte. Eu poderia esquecer a missão, tentar reprimir minha obsessão. Encontrar alguma cabana rústica e me instalar. Cuidar do jardim, caminhar e observar as aves desaparecerem lentamente. O pensamento fervilha em minha mente, hesitante. Toda a graça se dissiparia e até um céu gigantesco como este logo pareceria uma gaiola. Não vou ficar, mesmo que eu seja capaz disso; Niall nunca me perdoaria.



Alugo um quarto de hotel barato e jogo minha mochila na cama. O chão é coberto por um horroroso tapete amarelo, mas tem uma vista do fiorde serpenteando aos pés da colina. Do outro lado do curso d'água há montanhas cinzentas, entremeadas por veios de neve. Menos neve do que antes. Um mundo mais quente. Enquanto meu notebook recarrega, lavo meu rosto salobro e escovo meus dentes saburentos. O chuveiro me chama, mas primeiro preciso registrar minhas atividades.

Anoto as identificações das três andorinhas do Ártico e então abro o software do rastreador, prendo a respiração, nervosa demais para expirar. A visão das luzinhas vermelhas piscando é como uma onda de alívio. Não

tinha ideia de que isso funcionaria, mas lá estão elas, três avezinhas que voarão para o sul no inverno e, se tudo sair conforme o planejado, me levarão com elas.

Depois de ter tomado banho, me lavado bem e vestido roupas quentes, enfiei alguns papéis na minha mochila e saí, passando rapidamente na recepção para perguntar à atendente qual é o melhor pub local. Ela me examina, provavelmente decidindo qual a faixa etária de entretenimento deve recomendar, e depois me diz para tentar o bar nas docas.

— Tem o *Klubben* também, mas acho que seria... agitado demais pra você. — E acrescenta uma risadinha.

Sorriso, sentindo-me uma anciã.

A caminhada por Tasiilaq é repleta de morros e adorável. Casas coloridas se empoleiram no terreno irregular, vermelhas, azuis e amarelas, em um incrível contraste com o mundo invernal ao fundo. Parecem alegres brinquedos enfeitando as colinas; tudo parece menor sob o olhar das montanhas imponentes. Um céu é apenas um céu, e de alguma forma, aqui, é muito mais. É maior. Sento e observo os icebergs flutuando pelo fiorde por alguns instantes, e não consigo parar de pensar na andorinha do Ártico e em seu coraçãozinho batendo na palma da minha mão. Ainda posso sentir o *tap tap tap* e, quando pressiono a mão contra o peito, imagino nossas pulsações síncronas. O que *não* consigo sentir é meu nariz, então continuo caminhando até o bar. Seria capaz de apostar tudo que tenho — o que a esta altura não é muito — no fato de que, se houver um barco de pesca atracado na cidade, seus marinheiros passarão cada segundo de seu tempo acordados bebendo.

O sol ainda brilha, apesar de já estar bem tarde, e não mergulhará no horizonte nesta estação. Além de uma dezena de cachorros dormindo presos aos canos do lado de fora do bar, há um velho encostado na parede. Um local, considerando que está vestindo uma camiseta e nenhum casaco. Sinto frio só de olhar para ele. Quando me aproximo, vejo alguma coisa no chão e me abaixo para pegar uma carteira.

— É sua?

Alguns cães acordam e me olham com uma expressão intrigada. O homem faz o mesmo, e percebo que ele não é tão velho quanto eu pensava e que também está muito bêbado.

— *Uteq qissinnaaviuk?*

— Ah... desculpe. Eu só... — Mostro a carteira de novo.

Ele abre um sorriso. Com uma amabilidade impressionante.

— Fala inglês?

Assinto.

O homem pega a carteira e a enfia no bolso.

— Obrigado, querida. — Ele é norte-americano, sua voz parece um rugido profundo e distante, algo crescente.

— Não me chame de querida — digo, em um tom suave enquanto o examino melhor. Embaixo de seu cabelo escuro salpicado de branco e de sua espessa barba negra, há um homem chegando aos cinquenta anos, não sessenta como pareceu à primeira vista. Rugas contornam seus olhos claros. Ele é alto e curvado como se tivesse passado a vida tentando não ser.

Há algo de colossal nele. Mãos, pés, ombros, peito, nariz e barriga, tudo é grande.

Ele cambaleia um pouco.

— Precisa de ajuda pra ir a algum lugar?

O comentário o faz sorrir de novo. Ele segura a porta aberta para mim e a fecha entre nós.

No pequeno hall de entrada, tiro o casaco, o cachecol, o gorro e as luvas, e os penduro na ordem correta de vesti-los na saída. Em países de muita neve, há todo um ritual para se despirmos das roupas quentes. Em meio ao burburinho do bar, uma mulher toca música suave ao piano e o fogo crepita em uma lareira central. Homens e mulheres se espalham em mesas e sofás sob o teto elevado e grossas vigas de madeira, e um grupo de rapazes joga sinuca em um canto. O lugar é mais moderno do que a maioria dos pubs inegavelmente charmosos em que estive desde que cheguei na Groenlândia. Peço uma taça de vinho tinto e caminho até os bancos altos ao lado da janela. De lá, posso olhar mais uma vez para o fiorde, o que ameniza a sensação de estar em um ambiente fechado. Não gosto de ficar em locais fechados.

Meus olhos escaneiam os clientes, em busca de um grupo de homens que pudessem ser a tripulação do *Saghani*. Nenhum deles chama minha atenção — o único grande o suficiente é um grupo de homens e mulheres entretidos em um jogo de tabuleiro, *Trivial Pursuit*, e bebendo cerveja escura.

Mal tenho tempo de dar um gole em meu vinho exorbitantemente caro quando o vejo de novo, o homem do lado de fora. Ele está na beira da água agora, o vento açoitando sua barba e seus braços descobertos. Observo com curiosidade até que ele entra no fiorde e desaparece sob a superfície.

Escorrego do banco e quase derrubo meu vinho. Não há o menor sinal dele na superfície. Nem agora, nem agora, nem agora. Meu Deus, ele não vai emergir. Minha boca se abre para gritar e depois se fecha com um estalo. Em vez de gritar, estou correndo. Passo pela porta, pelo deque, desço as escadas, tão escorregadias pelo gelo que quase caio de bunda, e chego à margem lamacenta do fiorde. Ouço um cachorro latindo alto e em pânico.

Quanto tempo demora para morrer congelado? Não muito, em uma água gelada assim. E ele ainda não emergiu.

Mergulho no fiorde e...

Ahh.

Sinto a alma abandonando meu corpo, sugada para fora através de meus poros.

O frio é familiar e selvagem. Por um momento ele me agarra e prende em uma cela, uma cela de pedra que conheço tão bem quanto a um amante, por passar anos dentro dela, e quando o frio me transporta de volta para ela, perco segundos preciosos desejando estar morta, apenas para que tudo acabe logo, agora mesmo, não posso suportar mais, nenhuma parte do meu ser oferece resistência...

Recobro a lucidez como um soco em meus pulmões. *Mexa-se*, ordeno a mim mesma. Sempre gostei do frio, costumava nadar duas vezes por dia no frio, mas faz tanto tempo que já me esqueci, perdi a tolerância a ele. Bato as pernas para mover a massa de roupas encharcadas em direção ao corpo submerso. Seus olhos estão fechados e ele está sentado no fundo do fiorde, perturbadoramente imóvel.

Estendo as mãos lentamente para envolver suas axilas. Tomo impulso no chão e o arrasto para a superfície, emergindo com um arfar desesperado. Ele está se movendo agora, toma fôlego e caminha pelo fiorde me carregando em seus braços, como se ele tivesse me resgatado e não o contrário, e como diabos isso aconteceu?

— O que acha que tá *fazendo*? — pergunta, ofegante.

Por um momento, continuo em silêncio; estou com tanto frio que dói.

— Você estava se afogando.

— Só estava dando um mergulho pra ficar sóbrio!

— O quê? Não, você... — Escalo a encosta da margem com dificuldade. Lentamente volto à realidade. Meus dentes batem tão forte que começo a rir como uma lunática. — Pensei que precisasse de ajuda.

Não consigo concatenar a lógica que me levou até esse momento. Quanto tempo esperei antes de correr? Quanto tempo ele estava submerso?

— É a segunda vez, hoje — constata ele. — Desculpe. Você devia ir se aquecer, querida.

Mais pessoas haviam saído do bar para ver o que estava acontecendo. Estão aglomeradas na varanda, com a expressão intrigada. Ah, que humilhação. Rio de novo, mas dessa vez só emito um suspiro.

— Tudo bem, chefe? — grita alguém com um sotaque australiano.

— Tô bem — responde o homem. — Só um mal-entendido.

Ele me ajuda a levantar. O frio e, que merda, a dor, está em meus ossos. Já senti um frio assim, mas já faz muito tempo. Como ele suporta tão bem?

— Onde está hospedada?

— Você ficou debaixo d'água por muito tempo.

— Tenho bons pulmões.

Escalo a margem íngreme.

— Vou me aquecer.

— Precisa de...

— Não.

— Ei!

Paro e olho para trás.

Os braços e lábios dele estão azuis, mas ele não parece se incomodar. Nossos olhares se encontram.

— Obrigado pelo resgate.

— Sempre que precisar — respondo com um aceno.



Mesmo com o chuveiro na temperatura máxima, continuo com frio. Minha pele está vermelho vivo, escaldada, mas não sinto nada. Só dois dedos do

meu pé direito estão formigando como se estivessem recuperando o calor; o que é estranho, porque os perdi anos atrás. Mas muitas vezes tenho sensações em meus dedos fantasmas e neste momento meus pensamentos estão ocupados com outra questão, em como minha mente voltou com tanta facilidade para a cela. Estou assustada ao perceber como foi simples pular e mergulhar na água em vez de gritar por socorro.

Meu instinto de afogamento.

Depois de vestir todas as peças de roupa que tenho, encontro uma caneta e um papel, me sento à mesa torta e escrevo uma carta um tanto desajeitada para meu marido.

Bem, aconteceu. Consegui me envergonhar de um jeito que não tem mais volta. Um vilarejo inteiro testemunhou uma mulher estrangeira se lançar no fiorde gelado para inexplicavelmente importunar um homem que só estava cuidando da própria vida. Pelo menos terei uma boa história para contar.

E nem tente usar isso como mais uma desculpa para me pedir para voltar para casa. Anilhei minha terceira ave esta manhã e saí da área de nidificação. Perdi minha barraca, quase perdi a cabeça. Mas os rastreadores estão funcionando e encontrei um homem com uma embarcação grande o bastante para fazer a jornada, então ficarei em Tasiilaq tentando convencê-lo a me levar. Não sei se terei outra chance e não sei como fazer o mundo se curvar à minha vontade.

Ninguém nunca faz o que eu quero. Este é um lugar que nos deixa muito cientes de nossa impotência. Nunca tive poder algum sobre você, com certeza não tenho poder algum sobre as aves e tenho menos ainda sobre mim mesma.

Queria que estivesse aqui. Você consegue convencer qualquer pessoa a fazer qualquer coisa.

Paro por um instante e encaro as palavras rabiscadas. Parecem tolas, paradas ali, numa folha de papel. Depois de doze anos, consegui de alguma

forma ficar ainda pior em expressar meus sentimentos. Não devia ser assim — não com a pessoa que mais amo.

A água estava tão fria, Niall. Pensei que fosse morrer. Por um momento, cheguei a desejar isso.

Como chegamos a este ponto?

Sinto sua falta. Só isso que eu sei. Escreverei mais amanhã.

Beijos, F

Coloco a carta em um envelope e escrevo o endereço, depois a deixo junto com as outras não enviadas. Meu corpo está recuperando a sensibilidade e há um pulsar errático em minhas veias que reconheço como a combinação de empolgação e desespero. Queria que existisse uma palavra para esse sentimento. Eu o conheço tão bem, talvez eu mesma possa nomeá-lo.

De toda forma, a noite ainda é uma criança e tenho uma missão a cumprir.

Não sei ao certo quando comecei a sonhar com a travessia nem quando isso se tornou algo tão impregnado em mim quanto meu instinto de respirar. Faz muito tempo, ao menos é o que parece. Não fui eu que a fiz brotar, ela me engoliu por inteiro. A princípio, parecia impossível, uma fantasia tola: a ideia de conseguir um lugar em uma embarcação e convencer o comandante a me levar o mais ao sul que pudesse; a ideia de seguir a migração de uma ave, a mais longa migração natural de qualquer ser vivo. Mas a determinação é algo poderoso e, segundo me disseram, a minha é atroz.





Meu nome de batismo é Franny Stone. Minha mãe irlandesa me deu à luz em uma pequena cidade australiana, onde fora abandonada, sem dinheiro e sozinha. Ela quase morreu no parto, estava longe demais do hospital mais próximo. Mas resistiu, uma sobrevivente desde o início. Não sei como consegui o dinheiro, mas não muito tempo depois, nos mudamos de volta a Galway, e lá passei a primeira década da minha vida em uma casa de madeira tão perto do mar que eu conseguia sincronizar meu agitado coraçãozinho infantil ao *shhh shhh* das marés vivas e mortas. Pensava que nos chamávamos Stone, pedra, porque vivíamos em um vilarejo cercado de pequenas muretas de pedra que serpenteavam prateadas pelos montanhosos campos amarelos. No instante que aprendi a andar, passei a perambular ao longo das muretas curvilíneas, deslizando meus dedos pelos seus contornos angulosos, e sabia que elas me levariam às minhas verdadeiras origens.

Pois, para mim, uma coisa era muito clara desde o início: ali não era o meu lugar.

Eu perambulava. Pelas ruas de pedra ou pelos pastos, onde a relva alta emitia um suave sussurro ao meu redor. Os vizinhos me flagravam explorando as flores de seus jardins, ou no alto das colinas, escalando uma das árvores tão curvadas pelo vento que seus delicados galhos se inclinavam até tocar o chão. Diziam: “Fique de olho nessa garota, Iris, ela é aventureira demais e isso é uma tragédia.” Mamãe odiava que me criticassem assim, mas não se importava em falar sobre ter sido abandonada por

meu pai. Ela exibia essa ferida como um distintivo de honra. Era um fato recorrente ao longo de toda sua vida: as pessoas a deixavam, e a única maneira de suportar isso era de cabeça erguida. Mas, quase todas as manhãs, ela me dizia que se eu a deixasse seria a gota d'água, a derradeira maldição, e ela desistiria de tudo.

Então eu fiquei e fiquei, até que um dia não consegui mais. Meu ser era feito de uma matéria-prima diferente.

Não tínhamos dinheiro, mas costumávamos frequentar a biblioteca. De acordo com minha mãe, as páginas de um romance guardavam a única beleza que o mundo era capaz de oferecer. Mamãe arrumava a mesa com pratos, copos e livros. Líamos durante as refeições, enquanto ela me dava banho, deitadas tremendo de frio em nossas camas, ouvindo o uivo do vento nas janelas quebradas. Líamos sentadas nas muretas de pedra que Seamus Heaney eternizou em suas poesias. Era uma forma de partir sem partir de verdade.

Até que certo dia, nos arredores de Galway, onde as luzes mutáveis aspergiam o azul da água sobre a relva alta, conheci um garoto que me contou uma história. Em um passado longínquo, havia uma mulher que, durante toda a vida, tossia penas. Um belo dia, já velha e enrugada, ela se transformou em uma ave negra. A partir de então, o crepúsculo a mantinha sob seu feitiço e a imensa boca bocejante da noite a engolia inteira.

O garoto me contou essa história e depois me beijou com lábios avinagrados pelas batatas fritas que comia, e decidi que essa era minha história preferida e que queria me tornar uma ave quando ficasse grisalha.

Depois disso, como eu poderia não fugir com ele? Eu tinha dez anos; preparei uma mochila só com livros, pendurei-a nos ombros e parti, só por alguns instantes, brevemente, apenas uma jornada exploratória, uma pequena aventura, nada mais. Naquela mesma tarde, partimos na companhia da tempestade e seguimos até a costa oeste da Irlanda, até que sua numerosa família decidiu virar seus carros e suas caravanas em direção ao interior. Eu não queria sair de perto do mar, então escapuli sem ninguém perceber e passei dois dias na costa tempestuosa. Lá era meu lugar, para onde as muretas de pedra prateadas me guiavam. Para o mar salgado e as rajadas de vento capazes de carregar uma pessoa.

Mas, naquela noite, dormi e sonhei com penas brotando em meus pulmões, eram tantas que me sufocavam. Acordei assustada e tossindo, sabia que havia cometido um erro. Como pude deixá-la?

A caminhada até o vilarejo foi a mais longa que já fiz, e os livros na mochila ficavam mais pesados a cada passo. Comecei a deixá-los ao longo da estrada, uma trilha de palavras em meu rastro. Esperava que ajudassem outra pessoa a encontrar o próprio caminho. Uma senhora gentil e robusta me comprou um pão de soda, então pagou pela minha passagem de ônibus e esperou comigo até que ele chegasse. Ela falava murmurando, a melodia grudou em minha mente, e, mesmo depois de sair da estação, continuei ouvindo sua voz grave em meus ouvidos.

Quando cheguei em casa, minha mãe havia partido.

Simple assim.

Talvez as penas tenham clamado seu corpo, como me avisaram, aos sussurros, em meu sonho. Talvez meu pai tenha vindo buscá-la. Talvez a força de sua tristeza a tornou invisível. De qualquer forma, meus pés aventureiros a abandonaram, como ela me alertara que fariam.

Fui tirada da casa de minha mãe e mandada para a Austrália para morar com minha avó paterna. Eu não via sentido em morar na casa de ninguém depois disso. Só tentei mais uma vez, muitos anos depois, quando conheci um homem chamado Niall Lynch e nosso amor era tão profundo que se entranhou em nossos nomes, corpos e almas. Tentei com Niall, assim como fiz com minha mãe. Realmente tentei. Mas o ritmo das marés é a única coisa que nós humanos ainda não conseguimos destruir.

TASIILAQ, GROENLÂNDIA TEMPORADA DE NIDIFICAÇÃO

Cena dois. Desta vez não há homens do lado de fora do bar, apenas os cães, que me olham sonolentos e logo perdem o interesse quando passo sem lhes oferecer nada.

Ao entrar, um estranho burburinho emerge entre os clientes e então, quase em uníssono, eles explodem em aplausos. Eu o vejo em uma das mesas, com um sorriso largo, batendo palmas junto com os outros. As pessoas dão tapinhas em minhas costas enquanto caminho até o bar, e isso me faz sorrir.

No bar, alguém me saúda com um sorriso. Ele deve ter uns trinta anos, é bonito, com longos cabelos escuros presos em um coque. Seus dentes inferiores são visivelmente tortos.

— As bebidas dela são por nossa conta hoje — diz o homem ao barman, é um outro australiano ou o mesmo que berrou da varanda mais cedo.

— Não precisa...

— Você salvou a vida dele. — Ele sorri novamente, e eu não sei se ele está sendo irônico ou se realmente acha que foi isso que aconteceu. Decido que não importa, bebida grátis é bebida grátis. Peço outra taça de vinho tinto e aperto sua mão.

— Sou Basil Leese.

— Franny Lynch.

— Gosto do nome Franny.

— Gosto do nome Basil.

— Está se sentindo bem agora, Franny?

Detesto essa pergunta. Mesmo se eu estivesse morrendo de peste, não gostaria dessa pergunta.

— É só água fria, certo?

— Sim, mas tem água fria e água friiiiiia.

Basil pega minha bebida e a leva para sua mesa sem falar nada, então eu o sigo. Ele está na companhia do “afogado”, que também se trocou e vestiu roupas secas, e alguns outros. Sou apresentada a Samuel, um homem corpulento de quase setenta anos com uma exuberante cabeleira ruiva, depois a Anik, um esguio homem inuíte. Em seguida, Basil aponta um trio mais jovem jogando sinuca.

— Aqueles dois idiotas são Daeshim e Malachai. Os membros mais novos e burros da tripulação. E a garota é Léa.

Um dos caras é um coreano desmazelado e o outro, um negro magro e desengonçado. A mulher, Léa, também é negra e mais alta que os dois homens. Os três estão em meio a uma discussão acalorada sobre as regras da sinuca. Por último, me viro para o “afogado”, esperando ser apresentada, mas Basil já começou uma reclamação detalhada de seu jantar.

— Está cozido demais, pesado no orégano e empapado de manteiga. Sem mencionar esta maldita guarnição. E olhe que merda de apresentação!

— Você pediu salsichas com purê — lembrou Anik, parecendo entediado.

Samuel não tirou os olhos alegres de mim.

— De onde você é, Franny? Não consigo identificar seu sotaque.